

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES

CURSO DE JORNALISMO

SOPHIA SANO ALENCAR LINARES

A L I (Nº1): A BARREIRA DO MAR ESFACELA - SOURE, ILHA DE MARAJÓ

SÃO PAULO
2025

SOPHIA SANO ALENCAR LINARES

A L I (Nº1): A BARREIRA DO MAR ESFACELA - SOURE, ILHA DE MARAJÓ

Memorial Acadêmico referente ao processo de produção da revista “A L I (nº1): A barreira do mar esfacela - Soure, Ilha de Marajó”, apresentado ao Curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo como requisito para obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo sob orientação da Profa. Anna Flávia Feldmann

SÃO PAULO
2025

Dedico esta revista à memória histórica e coletiva que este trabalho pretendeu honrar

AGRADECIMENTOS

Meu profundo agradecimento aos meus professores da PUC-SP que me deram as bases para enxergar e pensar a sociedade e o mundo e, a todos aqueles que fizeram este trabalho ser possível.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, COMUNICAÇÃO, LETRAS E ARTES

CURSO DE JORNALISMO

SOPHIA SANO ALENCAR LINARES

Memorial Acadêmico

A L I (Nº1): A BARREIRA DO MAR ESFACELA - SOURE, ILHA DE MARAJÓ

SÃO PAULO
2025

RESUMO

Este memorial apresenta o processo de produção da revista "A L I (nº1): A barreira do mar esfacela - Soure, Ilha de Marajó". Um projeto gráfico impresso que pretende ser imersivo a partir da tentativa de "abrir janelas" através de fotografias e entrevistas, em lugares distantes afetados pelas mudanças climáticas, com objetivo de reportar realidades a leitores de outras regiões como forma de conscientização acerca das mudanças no clima, bem como a documentação histórica.

Palavras-chave: sociedade, ambiente, clima, antropoceno

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	X
2. OBJETIVO	X
3. JUSTIFICATIVA	X
3.1 Do tema	X
3.2 Do formato	X
4. METODOLOGIA	X
4.1 Pauta	X
4.2 Apuração	X
4.3 Personagens selecionados	X
4.4. Entrevistas	X
4.5.	Desafios
.....5. Ilustrações e diagramação	X
5. DESAFIOS	X
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	X

1. INTRODUÇÃO

Os Estados e os maiores poluidores de Gases de Efeito Estufa (GEE), falharam em limitar o aquecimento do planeta em 1,5 graus Celsius acima dos níveis pré-industriais, previsto pelo Acordo de Paris em 2015. O aniversário de 10 anos do acordo, traz consigo os dez anos mais quentes registrados dos últimos 176 anos, e 2025, deve ser o terceiro ano consecutivo mais quente da história, dados divulgados no relatório “Estado do Clima Global” produzido pela Organização Meteorológica Mundial ([OMM](#)). Para a [secretária-geral](#) da OMM: “é impossível limitar o aquecimento global a 1,5 graus Celsius nos próximos anos sem ultrapassar temporariamente essa meta”.

O aquecimento afetará regiões de diferentes maneiras tanto em terra como nas águas: o calor nos oceanos [continua a aumentar](#), produzindo efeitos como a perda da biodiversidade e a intensificação das tempestades tropicais e subtropicais; desequilíbrio do sistema hidrológico global, a levar tanto inundações, como severas estiagens. Nos últimos 50 anos, [as perdas econômicas decorrentes de eventos climáticos extremos](#) acompanha o gráfico de elevação da temperatura. A maior parte das mortes e perdas econômicas ocorreram em nações em desenvolvimento.

O acordo para limitar o aquecimento veio por pressão das Nações Insulares, a partir das discussões que ocorreram semanas antes da COP15, no Climate Vulnerable Forum (CVF), impulsionadas pelo relatório [AR4](#), do Intergovernmental Panel on Climate Change (IPCC), que dizia que as pequenas ilhas com baixa altitude eram especialmente vulneráveis aos efeitos do aquecimento global. Os relatórios do IPCC também relatam com alta confiança os efeitos na América do Sul, com a intensificação de secas, tempestades e inundações.

Os chefes de Estado chegam à Belém, no aniversário de 10 anos do Acordo de Paris, para a COP30. Na nova rodada de planos de adaptação a maior parte deles não foi entregue a tempo e a meta de financiamento estabelecida para ser alcançada em 2020 ainda não foi alcançada.

Enquanto os debates sobre soluções e suas aplicações ocorrem em Belém, a 80 km está o município de Soure, na Ilha de Marajó — e a menos de 80km ao Sul da Linha do Equador. Para os moradores desse município, as mudanças climáticas não são abstrações.

A revista A L I surge em um momento histórico: como no Romantismo, período artístico impulsionado por um momento de profundas transformações sociais, urbanas e econômica, quando todo um cosmo de vida era deixado para trás. A Segunda Revolução industrial que também foi responsável pelo impulsionamento do pensamento romântico, no presente chega ao ápice do domínio humano da natureza, a alteração do clima pela crescente emissão de GEE fez um mundo que estava há 10 mil anos em equilíbrio se voltar contra o suposto controle humano sobre a natureza. Um mundo desaparece enquanto dá lugar à uma nova realidade que tem dado sinais de sua chegada.

A revista pretende a cada edição explorar uma única realidade geográfica, social, política e cultural com relevância histórica e jornalística, documentando com fotografias e entrevistas, um fio narrativo em um determinado recorte temporal: o da viagem de campo para documentação.

Na primeira edição de A L I, o leitor é convidado a explorar alguns recortes da vida em Soure e a intensificação do meio ambiente sobre as comunidades que lá habitam.

2. OBJETIVO

A proposta central da revista é gerar através de uma estrutura de documentário audiovisual, de narrativa contínua, com fotos e textos que devem complementar-se para gerar a atmosfera da realidade de um lugar “logo ali” e o fio narrativo com o passar das páginas como transições de um filme. A escolha do recorte geográfico deve levar em consideração os fatores-chave para documentação no projeto: realidades que estão prestes à transformarem-se; lugares vulneráveis ao desaparecimento, seja físico, social ou cultural vinculados as mudanças climáticas;

A revista pretende cumprir o serviço de informar a sociedade sobre a realidade de um lugar que se transforma e/ou pode ser perdida devido às mudanças climáticas, bem como servir à memória histórica.

A estrutura usual de uma revista ganha formato inusitado para adequar-se a um roteiro audiovisual, a partir do intuito de criar um fio narrativo mais fluído e flexível para a narrativa fotográfica — uma das frentes profissionais em minha vida — em que texto, foto e desenvolvimento das histórias caminham juntos.

Em A L I, a fotografia foi posta ao desafio de “abrir janelas” de modo que o leitor pudesse mergulhar e ter a sensação de olhar aquilo como se fosse a janela de algum lugar, no caso, o objeto físico da revista com bordas como moldura. A maior parte das fotografias foi feita com lente 50 mm, para dar a sensação visual de como o olho humano enxerga — as lentes de menor milímetro distorcem a imagem como em um espelho convexo de estacionamento, enquanto a 50 mm equivalente a distorção do olho humano.

3. JUSTIFICATIVA

3.1 Do tema

Enquanto os Estados e sociedade debatem os efeitos das mudanças climáticas, o que será no futuro e como aplicar as soluções adaptativas, e agem em passos lentos, há lugares em que o clima já mudou e seus moradores lidam com essas transformações.

Em um planeta em transição, neste projeto a fotografia retorna ao seu início pós revolução industrial, em que assume papel de catalogação, como explanado por Susan Sontag em Sobre a Fotografia. Há lugares que podem sumir ou serem brutalmente alterados, raízes e histórias deixadas para trás e pessoas forçadas a deixarem suas terras.

O jornalismo tem a função de ser o primeiro documentador da história. Esse projeto surge da necessidade histórica de registrar o que se transforma e pode desaparecer. Algo importante tanto para abrir janelas de realidades distantes aos sujeitos viventes e no futuro, atestar realidades que existiram, na medida que o documento fotográfico também existir.

3.2 Do formato

Presumi que a revista poderia permitir mais flexibilidade criativa durante a criação do design gráfico com fotografias e texto caminhando juntos em uma narrativa fluída com mais possibilidade de explorar a experiência visual e imersiva na história. Além de enxergar o projeto de A L I como um jornal ou uma revista feitos em edições e com propostas e valores editoriais delimitados além de produção contínua. Não vejo como um projeto que em uma livraria seria vendido na área de livros e sim, na área de revistas e jornais.

4. METODOLOGIA

4.1 Pauta

É afirmação de alta confiança do IPCC que nos últimos 50 anos a Terra aqueceu em uma velocidade sem precedentes que qualquer outro período de 50 anos dos 2 mil anos anteriores. Depois de ler o livro *Runaway Climate: What the Geological Past Can Tell Us about the Coming Climate Change Catastrophe*, escrito por Steve Earle, tive certeza de que a pauta que deveria tratar no presente trabalho de conclusão de curso, eram as mudanças climáticas.

Os assuntos meio ambiente e mudanças climáticas sempre foram de meu interesse e depois de ter iniciado, no ano passado, a construção da minha base de informações acerca da relação climática *versus* uso do solo em reportagens produzidas para este curso de jornalismo, que traçam a perspectiva climática a partir da ocupação agropecuária, me senti instigada a aprender mais sobre o funcionamento dos químicos que pairam na atmosfera e o uso dos solos que regulam as circulações atmosféricas globais.

No final de 2024, com a proposta da revista em mente, me perguntava sobre o que estava desaparecendo e precisava ser contado. Pensei sobre a COP30, mas não existiria tempo hábil para cobrir algo relacionado à ela como TCC; Volto a pensar em Belém depois de ver uma reportagem do The Washington Post com a organização carbon(plan) em que dizia que em 50 anos a cidade pode enfrentar mais de seis meses de dias seguidos de calor, prevista para ser uma das mais quentes do mundo;

pensei no Mercado Ver-o-Peso, e, após lembrar que a pesca pode ser gravemente afetada com o aquecimento global, por processos de hipoxia (falta de oxigênio por elevação de temperatura), pela acidificação e por extirpação (extinção local de espécies) devido à essas transformações no habitat, bem como poluição por metais pesados, realidade em rios da Amazônia, comecei a investigar a pesca na região.

Encontrei uma pesquisa intitulada A Pesca Artesanal no Estado do Pará, o que me chamou atenção nela foi o relato de pescadores do distrito de Monsarás, na cidade Salvaterra, na Ilha de Marajó, sobre a necessidade de se deslocar por maiores distâncias para conseguir pescar a mesma quantidade que no passado, além de exigir mais horas de trabalho. Descobri que a região tem sofrido com o impacto da erosão, da salinização de terras e , comprometendo a qualidade de vida.

Me atraiu a ideia de contar sobre um pequeno vilarejo e continuei a investigação sobre esse lugar e sua história, mas, nessas pesquisas, o nome do município que estava do outro lado do Rio Paracauari, começou a surgir em estudos que avaliavam a vulnerabilidade à erosão, bem como em análises sobre os principais conflitos em Áreas de Proteção Ambiental (APA).

Percebi que seria interessante contar sobre essa cidade, que tem a primeira Reserva Extrativista Marinha (Resex) do Pará e também faz parte do maior cinturão de manguezais do planeta, onde há o encontro da Baía de Marajó com o mar e notícias de pessoas que perderam casas e negócios para a força da maré, além, de ter a maior população de búfalos do país.

4.2 Apuração

Foi feita uma extensa pesquisa sobre o máximo de vieses possíveis sobre a realidade local, ambiental, social e cultural: 1. Ambiental: clima, biodiversidade, mudanças climáticas, processos erosivos; 2. Sócio-econômico: da pesca, do extrativismo, das safras locais, de suas associações, Resexs; 3. Cultural: carimbó e lendas locais.

O objetivo da pesquisa pré-viagem de campo, foi estar com o máximo de bagagem possível para poder pisar em um lugar no qual nunca havia ido, com noções da realidade local através do que já havia sido publicado, seja em artigos acadêmicos, publicações de entidades como do Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais, do

Instituto Nacional de Meteorologia, em portais de notícias, páginas do Instagram, GoogleMaps, GoogleEarth entre outros sites.

As tentativas de contatos preparatórios para chegar em Soure com comunicação estabelecida com alguma figura local para me auxiliar a encontrar os personagens foram falhas.

A pesquisa preparatória foi de mais valia. Quando cheguei em Soure, estava com bagagem teórica e factual para investigar com mais proximidade os assuntos que despertavam meu interesse jornalístico: as transformações locais. Acredito que esse norteamento informativo deu confiança e segurança aos meus entrevistados compartilharem comigo suas informações, e, também acredito que graças a isso, me permitiu fluir e construir uma ampla rede de contatos de diversos setores do município — pescadores, extrativistas, lideranças comunitárias, comerciantes, fontes do setor de transporte e serviços, lideranças comunitárias, organizações governamentais e não governamentais, instituições de pesquisa, além de coletivos de música — no período de 18 de maio a 1 de junho.

Os desafios que serão apresentados em seção posterior deste memorial acadêmico, me levaram remodelar o roteiro antes programado, mas ainda assim, ir em busca dos assuntos que nortearam a pesquisa.

Ao todo, fui a 4 das 5 regiões do município: centro urbano, Bairro Novo, Vila do Pesqueiro e Caju Una. Durante as visitas, as marcações feitas no GoogleMaps e também a partir informações factuais coletadas na pesquisa preparatória como nomes de pessoas que foram impactadas pela força da maré, me auxiliaram a simplesmente conversar de forma livre e/ou orgânica com os locais, o que facilitou encontrar histórias de interesse.

A cada visita conversei com pessoas que trabalham em barracas (nome dado aos restaurantes de palafitas nas praias da região); busquei pescadores, caranguejeiros e mulheres que participam da Rede Mães do Mangue de mulheres extrativistas, vinculado à Rare Conservation, além de pessoas que perderam suas coisas para a água.

4.3 Seleção dos personagens

Para a edição foram selecionados 11 personagens principais, organizados a fim de criar um fio narrativo sobre o que ocorre em Soure:

1. Paulo Abreu: comerciante na Praia de Barra Velha, filho da terra, compartilha suas memórias de Soure e de fenômenos do meio ambiente local;
2. Nonato: pescador nascido e criado na Vila do Pesqueiro. Conta sobre as transformações ambientais e climáticas enquanto também apresenta sua vida de pescador.
3. Ivanil Santos Avelar: Nascida na Vila do Pesqueiro, viveu a maior parte de sua vida em um terreno com pomares e animais, levados pela maré.
4. Keila Cristiane: comerciante da Vila do Pesqueiro que teve o negócio derrubado em fevereiro deste ano.
5. Lúcio José: é professor de geografia, artista, comerciante e liderança local em Caju Una e enfrenta desafios com o Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio).
6. Valdemil: um dos fundadores da Reserva Extrativista Marinha de Soure (ResexMar Soure) é figura central do movimento extrativista na região, além de também enfrentar desafios com o ICMBio.
7. Lisângela Cassiano: É chefe de gestão do ICMBio Soure e analista ambiental. Sua entrevista desmantela para o leitor, camadas da realidade de uma reserva extrativista no Brasil.
8. Patrícia Ribeiro: Extrativista e liderança local feminina na Vila do Pesqueiro, uma das fundadoras da ResexMar Soure. Mostra o lado da luta da população extrativista e dos movimentos sociais.

9. Valmileia: Extrativista e produtora de óleos de Andiroba, coco e do bicho do tucumã. Sua entrevista se reúne com o relato de Patrícia como de outras extrativistas sobre as lendas da produção do óleo de Andiroba.
- 10 e 11. Antonio Carlos e Roberto Carlos da Conceição: dois irmãos pescadores nascidos ao norte do município, para os lados de onde o ICMBio tem dificuldade em acessar. Vivem em função das águas e tiram das águas para sobreviver, contam das dificuldades da vida do pescador e das mudanças climáticas percebidas.

4.4. Entrevistas

Para a produção da revista foram feitas 20 entrevistas gravadas totalizando 16 horas de gravação, dentre várias outras conversas não gravadas com a população local e instituições. Além dos personagens citados, também foram entrevistados:

1. Erika Melo, camaroeira em Caju Una e integrante do Mães do Mangue;
2. José Galo, pescador na comunidade de Caju Una;
3. Rodrigues, pescador na Vila do Pesqueiro;
4. Antônio Carlos Rabelo, garçom em barraca na Praia do Pesqueiro;
5. Leide, coordenadora do Clube de Poupança da Vila do Pesqueiro;
6. Marcelo Rollnic, oceanógrafo físico, professor da Universidade Federal do Pará (UFPA) e coordenador do Observatório da Costa Amazônica (OCA);
7. Alexandre Casseb, climatologista com pesquisa voltada ao norte do Brasil, professor da UFPA;
8. Sandra, comerciante na Praia do Pesqueiro e presidenta da Associação dos Barraqueiros;

9. Dica, 86 anos, camaroeira de Soure
10. Pedro Oliveira, jovem ativista do carimbó marajoara.

4.5. Desafios

O principal desafio deste trabalho se apresentou logo nos primeiros dias da viagem de campo. Todo o material teórico coletado fazia sentido, mas o roteiro que havia sido criado revelou a minha ignorância sobre como de fato, o trabalho dos pescadores é realizado. Anteriormente, previ em meu roteiro acompanhar pescarias, acompanhar pescadores de Soure indo vender seus peixes no Mercado Ver-o-Peso e depois finalizando o dia de trabalho para voltar para casa e jantar com a família. Essa lógica paulista simplesmente não existe. Os pescadores passam dias em água para depois poderem voltar à sua terra. Com esse lado de impacto visual que seria criado com o dia a dia dos pescadores em água rompido, boa parte do roteiro imaginado para a revista foi abandonado. Tive que improvisar durante a viagem de campo e fazer as entrevistas que a intuição a partir da pesquisa prévia me conduziu.

Ao chegar em São Paulo, mergulhei sobre o conteúdo de cada uma das entrevistas para entender como montaria o novo roteiro, trabalhando para uma nova lógica de passagem das páginas, refletindo sobre o que unia as diferentes histórias coletadas e quais delas levaria para o espaço da revista. Foi desafiador cortar muitas partes das entrevistas para focar na proposta central da revista, porque acredito que esse trabalho com a população em Soure poderia se desdobrar em outras partes.

Refazer o roteiro e encontrar uma nova lógica foi um trabalho maçante, porém cheio de aprendizados sobre a ignorância de um cosmo nunca acessado por mim, mas ainda assim, que me despertou a curiosidade de aprender mais sobre comunidades tradicionais das quais, obviamente, não faço parte.

A conclusão do projeto da revista completou um desafio universitário que foi recorrente em toda a minha graduação, que era tratar as cores de uma imagem fotográfica a fim de transmitir a máxima sensação de realidade. Minha experiência anterior como fotógrafa de moda, permitia o uso das cores conforme qualquer apelo estético, no jornalismo não é assim que funciona.

As cores das imagens produzidas por uma câmera nunca serão como na realidade dos olhos. O tratamento das imagens surge como etapa de suprema importância para reproduzir a sensação real do olhar e, a buscar pelo ideal de mostrar a realidade através das fotos.

Além dos pontos anteriores, outro desafio foi a escrita. Eu que sempre trabalhei com foto, acreditava que o meu TCC seria majoritariamente fotográfico. No entanto, era um desejo profundo conseguir desenvolver mais textos para as minhas imagens. Foi um desafio escrever, não vou negar. Tinha muita resistência, achava que não ia conseguir. Para a minha felicidade, mês a mês a revista foi desenhada. O que se apresentou como um novo desafio, já que a primeira diagramação da revista era na horizontal — para beneficiar as fotos — mas o formato não funcionava para consideráveis páginas de texto. Tive que ceder o espaço dessa minha vertente fotográfica, a qual tenho muito zelo e paixão, que sempre ocupou o principal posto profissional de minha vida, para dar espaço e equilíbrio ao novo: a escrita jornalística.

5. EDIÇÃO E TRATAMENTO DOS MATERIAIS APURADOS

Após a viagem de campo para coleta de materiais, foi realizada a primeira seleção de imagens, a transcrição de todas as entrevistas gravadas e suas respectivas edições.

Com o objetivo da pesquisa prévia, distribuí meus personagens de modo que um fio narrativo fosse desenvolvido e escolhi além de narrar com as fotos e entrevistas, apresentar alguns conflitos internos que surgiram nos materiais, para contar sobre a complexidade das relações existentes entre a sociedade e meio ambiente em Soure.

5.1. Diagramação

Ser responsável por todas as partes da produção da revista, permitiu o processo criativo de diagramação ser mais livre, para inclusive fazer modificações de formato na última hora. Inicialmente imaginei fazer uma revista na horizontal, com a lombada no mesmo lugar da vertical. A lombada canoa (com grampos/não quadrada)

permitiria uma ampla abertura da página, para serem duplas de página com duas fotos na maior parte delas, como um objeto que poderia ficar em cima da mesa, aberto, exposto, mas o texto não ocupava bem o espaço da página, então a ideia ficou para uma possível edição futura como um encarte extra apenas de fotos.

A disposição das páginas foi construída com o objetivo de foto e texto se desenvolverem juntos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BURKE, Peter. *Testemunha Ocular: O uso de imagens como evidência histórica*. Editora UNESP, 2017.

EARLE, Steven. *Runaway Climate: What the Geological Past Can Tell Us about the Coming Climate Change Catastrophe*. New Society Publishers, 2024.

ANGELO, Claudio. *A espiral da morte: Como a humanidade alterou a máquina do clima*. Companhia das Letras, 2016.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). *Climate Change 2007: Impacts, Adaptation and Vulnerability. Summary for Policymakers*. [S.l.: s.n.], [2007]. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/site/assets/uploads/2018/02/ar4-wg2-spm-1.pdf>

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). *AR6 Synthesis Report: Climate Change 2023*. Disponível em: <https://www.ipcc.ch/report/ar6/syr/>. Acesso em: 10 de novembro de 2025

WORLD METEOROLOGICAL ORGANIZATION (WMO). *WMO Atlas of Mortality and Economic Losses from Weather, Climate and Water Extremes (1970–2019)*. Disponível em: https://etp.wmo.int/pluginfile.php/40402/mod_resource/content/0/1267_Atlas_of_Mortality_en-final_-_26.07.2021.pdf

WORLD METEOROLOGICAL ORGANIZATION (WMO). *State of the Climate 2025 Update COP30*. Disponível em: <https://wmo.int/sites/default/files/2025-11/State%20of%20the%20Climate%202025%20Update%20COP30%20%2831%20oct%29.pdf>

NAÇÕES UNIDAS. *Brasil lidera deslocamentos internos por desastres nas Américas*. ONU News. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/05/1831636>

NAÇÕES UNIDAS. Cresce número de brasileiros deslocados por conta de tragédias climáticas. ONU News. Disponível em: <https://news.un.org/pt/story/2024/05/1831336>

LIMA, A. M. M. et al. ILHA DO MARAJÓ: REVISÃO HISTÓRICA, HIDROCLIMATOLOGIA, BACIAS HIDROGRÁFICAS E PROPOSTAS DE GESTÃO. *HOLOS Environment*, v. 5, n. 1, 2005.

HENRIQUES, Renata Jordan. *GEOAMBIENTES, GEOARQUEOLOGIA E CENÁRIOS DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS NA ILHA DE MARAJÓ, AMAZÔNIA BRASILEIRA*. 2022. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.

SOUSA, Maria Bárbara Pereira de; RANIERI, Leilanne Almeida. Morfodinâmica de praias estuarinas da costa leste da Ilha do Marajó, Amazônia Oriental. *Revista Brasileira de Geomorfologia*, v. 24, n. 3, 2023.

SISTEMA DE PROTEÇÃO DA AMAZÔNIA (SIPAM). *CLASSIFICAÇÃO CLIMÁTICA SEGUNDO KÖPPEN*.

WEATHER SPARK. Clima, condições meteorológicas e temperatura média por mês de Soure (Pará, Brasil). Disponível em: <https://pt.weatherspark.com/y/30142/Clima-característico-em-Soure-Pará-Brasil-durante-o-ano>.

SILVEIRA, Andréa. et al. Influência dos Diferentes Tipos do Fenômeno El Niño na Precipitação da América do Sul. *Revista Brasileira de Meteorologia*, v. 36, n. 2, 2021.

MORAES, Carlos Antonio S. L. de. et al. Influência do El Niño - Oscilação Sul na precipitação pluviométrica do estado do Pará. *Revista Brasileira de Biologia*, v. 65, n. 1, 2005

ALMEIDA, Ana Claudia M. *IMPACTOS DA VARIABILIDADE CLIMÁTICA E MUDANÇAS CLIMÁTICAS NO SETOR HÍDRICO DO ESTADO DO PARÁ*. 2018. Tese (Doutorado em Geologia e Geoquímica) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

TOMASELLA, Javier. et al. Amazonia: Water Resources and Sustainability. In: *Amazonia and Global Change*. [S.l.]: American Geophysical Union, 2017.

DANGEROUS 'WET BULB 'TEMPERATURES ARE OCCURRING MORE FREQUENTLY, STUDY SHOWS. The Washington Post.

INTERGOVERNMENTAL PANEL ON CLIMATE CHANGE (IPCC). Chapter 4: Sea Level Rise and Implications for Low-lying Islands, Coasts and Communities. In: *Special Report on the Ocean and Cryosphere in a Changing Climate*.

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE (SEMAS). *Anuário Climatológico do Estado do Pará ANO 2022*. Belém: SEMAS, 2023.

GERMANO, Michell Fontenelle. *AValiação dos Efeitos dos Corpos d'Água na Geração ou Modificação das Circulações Locais na Amazônia*

ORIENTAL. 2018. Dissertação (Mestrado em Meteorologia) - Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, São José dos Campos, 2018.

PAINEL BRASILEIRO DE MUDANÇAS CLIMÁTICAS (P BMC). BASE CIENTÍFICA DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS: PRIMEIRO RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO NACIONAL. VOLUME 1.

SOUSA JÚNIOR, Wilson Cabral de. et al. *Exposição e vulnerabilidade climática na porção leste do Arquipélago de Marajó/PA: análise preliminar*. (Informe Técnico, n. 04). São José dos Campos: CTA/ITA, 2022.

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E INOVAÇÃO (MCTI). *MUDANÇA DO CLIMA NO BRASIL: SÍNTESE ATUALIZADA E PERSPECTIVAS PARA DECISÕES ESTRATÉGICAS*. Brasília: MCTI, 2024

FUNDAÇÃO AMAZÔNIA DE AMPARO A ESTUDOS E PESQUISAS (FAPESPA). Tabela 34 - Desflorestamento Acumulado (km²) e Focos de Calor - 2015. Disponível em: https://www.fapespa.pa.gov.br/sistemas/radar2017/tabelas/08marajo/tabela_34_desflorestamento_acumulado_km_2_e_focos_de_calor_2015_ri_marajo.html.

PIMENTEL, Márcia Aparecida da Silva. Comunidades tradicionais em reservas extrativistas marinhas no estado do Pará: Conflitos e resistências. *Revista de Geografia Ambientes e Ecologia Política*, v. 1, n. 1, 2019.

SANTANA, Antônio Cordeiro de. *DIAGNÓSTICO DAS CADEIAS DE VALOR SUSTENTÁVEIS E INCLUSIVAS DO MARAJÓ: AÇAÍ, MANDIOCA, PESCA ARTESANAL E PECUÁRIA*. Ufra; Instituto Peabiru, 2011.

ANDRADE, Etiene. Estudo da Emater melhora a captura e garante a preservação do camarão na Resex de Soure. Agência Pará. Disponível em: <https://agenciapara.com.br/noticia/23384/estudo-da-emater-melhora-a-captura-e-garante-a-preservacao-do-camarao-na-resex-de-soure>.

MINISTÉRIO DA PESCA E AQUICULTURA (MPA). *Plano de Trabalho do Termo de Execução Descentralizada No 37/2023*. 2023.

BICHO D'ÁGUA. *RELATÓRIO TÉCNICO DA FAUNA DA CONTRA COSTA DE SOURE*. [S.l.], 2013.

FUNDO VALE. *O caranguejo-uçá e o camarão regional-da-amazônia no estado do Pará*. (Série Pesca Sustentável na Costa Amazônica, v. 3). Brasília: Fundo Vale, 2018.

SANTOS, Marcos Antônio Souza dos. A CADEIA PRODUTIVA DA PESCA ARTESANAL NO ESTADO DO PARÁ: ESTUDO DE CASO NO NORDESTE PARAENSE. *Amazônia: Ciência & Desenvolvimento*, Belém, v. 1, n. 1, jul./dez. 2005.

CONCEIÇÃO, Laíse Carla Almeida da. et al. A pesca artesanal e a sucessão geracional no município de Maracanã, estado do Pará, Brasil. *Guaju*, Matinhos, v. 6, n. 1, p. 70-85, jan./jun. 2020.

CARDOSO, Maria do Socorro da Conceição. *PESCADORES DA RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE SOURE: Práticas sociais no território*. Universidade Federal do Pará, 2014.

GUEDES, Surama Abdon. TRABALHO E GÊNERO: OS DESAFIOS VIVENCIADOS POR MULHERES EXTRATIVISTAS, NA COMUNIDADE TRADICIONAL DO PESQUEIRO, SOURE, PARÁ.

HASENCLEVER, Leonardo. *ESTUDO DE VIABILIDADE DA CADEIA DE VALOR DA PESCA ARTESANAL NAS REGIÕES DO PARÁ E BAHIA 2020*. [S.l.]: PNUD; Instituto Humanize, 2020.

OBSERVATÓRIO DA COSTA AMAZÔNICA (OCA). *BOLETIM DO PESCADO DA RESEX DE SOURE: RESULTADOS PARCIAIS DO MONITORAMENTO PARTICIPATIVO NA RESEX DE SOURE DOS MESES DE MAIO, JUNHO, JULHO E AGOSTO DE 2024*. [S.l.], 2024.

SHANLEY, Patricia; MEDINA, Gabriel (Ed.). *Frutíferas e Plantas Úteis na Vida Amazônica*. Belém: CIFOR; Imazon, 2005.

CANTO, Otávio do. et al. CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS E GESTÃO DO TERRITÓRIO EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO NA ZONA COSTEIRA DO ESTADO DO PARÁ-AMAZÔNIA-BRASIL.

OLIVEIRA, Patricia Chaves de. et al. Impactos climáticos e superexploração dos recursos da biodiversidade no Marajó. *Revista Caderno Pedagógico*, v.22, n.4, 2025. p. 01-25.

FERREIRA, Lindomal dos Santos. *POLÍTICAS EDUCACIONAIS E DESENVOLVIMENTO: A EXPERIÊNCIA DA RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DO SOURE, PARÁ*. 2002. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2002.

OLIVEIRA, Ângela Maria Santos. *SUBSÍDIOS À GESTÃO DA RESERVA EXTRATIVISTA MARINHA DE SOURE-MARAJÓ-PARÁ: UMA ANÁLISE DOS PROBLEMAS E CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS*. 2012. Dissertação (Mestrado em Gestão dos Recursos Naturais e Desenvolvimento Local na Amazônia) - Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

BARCELLOS, Christovam; MONTEIRO, Aníbal. Governança ambiental e a saúde humana. In: *Governança ambiental no Brasil: instituições, atores e políticas*. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), 2016.

BOLZAN, Breno Baqueiro. *MUDANÇAS CLIMÁTICAS E ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA: A Internalização da Adaptação na Governança de Recursos Hídricos*. 2023. Dissertação (Mestrado) - Escola Nacional de Administração Pública, Brasília, 2023.

INSTITUTO CHICO MENDES DE CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE (ICMBio). *Extrativismo e Conservação da Biodiversidade: Aprendizados nas unidades de conservação federais de uso sustentável na Amazônia*. Brasília: ICMBio, 2015.

CONSELHO PASTORAL DOS PESCADORES E PESCADORAS (CPP). *RELATÓRIO 2024. CONFLITOS SOCIOAMBIENTAIS e Violações de Direitos Humanos em Comunidades Tradicionais Pesqueiras no Brasil*. Olinda, 2024.

BRASIL. *Código Penal*. 1. ed. Brasília: Senado Federal, 2016.

BRASIL. Lei nº 9.503, de 23 de setembro de 1997. Institui o Código de Trânsito Brasileiro.

